



A COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO

Fone: (61) 3031-1900 – (61) 9.9992-0708

www.ibedf.com.br

BEM-VINDO AO IBE!

Você terá à sua disposição, um bloco didático (MÓDULO + CADERNO DE AVALIAÇÃO) estruturado para a sua autoaprendizagem que contém a totalidade da matéria que incidirá sobre a Avaliação Final. O estudo inclui o Apoio Tutorial a distância e/ou presencial, sempre que necessário.

COMO ESTUDAR?

- É importante a leitura atenciosa dos conteúdos, a fim de observar o modo como cada unidade está construída, o objetivo do estudo, os títulos e subtítulos, para se obter uma visão de conjunto e revisar conhecimentos já adquiridos.
- Leitura compreensiva rápida - permitirá uma primeira abordagem;
- Leitura reflexiva – para identificar as ideias principais;
- Consolidação da aprendizagem - caracterizada pela revisão da matéria; fase da resolução das atividades para facilitar a compreensão dos conteúdos.

AVALIAÇÃO FINAL:

Constituída por uma Prova escrita e individual, cujas respostas devem revelar compreensão e assimilação dos conteúdos. A Prova deve ser feita somente com caneta preta ou azul. E entregue ao IBEDF.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DO RENDIMENTO:

7,0 a 7,9 – BOM; 8,0 a 8,9 – MUITO BOM; 9,0 a 9,9 – ÓTIMO-
10 - EXCELENTE

Para melhor aproveitamento é necessário:

- Ser auto motivado;
- Ser capaz de organizar o seu tempo de estudo;
- Ser responsável por seu próprio aprendizado;
- Estar consciente da necessidade de aprendizagem continuada.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO:	5
UNIDADE I.....	6
COMUNICAÇÃO:.....	6
O que é Comunicação?	6
Comunicar com palavras e ações	7
Quais são as falhas mais cometidas?	8
Comunicação é Fundamental	8
Comunicação/Crescimento Profissional.....	9
Foco na Comunicação	10
Comunicação Eficaz	10
A comunicação Interna nas organizações.....	11
O processo comunicacional e a Era da Gestão do Conhecimento.....	13
Gestão do Conhecimento.....	14
A crescente importância da Comunicação Escrita	15
A importância da Comunicação no Gerenciamento de Projetos	16
Habilidades de Comunicação	16
UNIDADE II	18
Educação: Um Passaporte para a Vida.....	18
Participação e responsabilidade da coletividade	19
Os Quatro Pilares da Educação:	20
Aprender a Conhecer	22
Aprender a Fazer	22
Aprender a viver Juntos - Aprender a viver com os Outros	23
<i>Que fazer para melhorar a situação?</i>	24
Aprender a Ser.....	25
Educação ao longo de toda a vida	26
Ensinar, uma Arte e uma Ciência	27
Atividades sobre o texto:	28
A Educação e a Luta contra a Exclusão	30
As Mulheres e as Jovens: uma educação para a igualdade.....	31
Desenvolvimento centrado no ser Humano: <i>finalidade última da Educação e da Cultura</i> ...	32
UNIDADE III.....	34
PSICOLOGIA	34
O QUE É PSICOLOGIA?	35

A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA	36
RAÍZES FILOSÓFICAS	36
A PSICOLOGIA MODERNA	37
A Era das Escolas / Fase Científica (1879)	38
A importância da Psicologia para o homem de hoje	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48

APRESENTAÇÃO:

Ante os múltiplos desafios do presente, a educação surge como um trunfo indispensável à humanidade na sua construção dos ideais da paz, da liberdade e da justiça social. É também um grito de amor à infância, à juventude e a todos os cidadãos, que devemos acolher na nossa sociedade, dando-lhes o espaço que lhes cabe no sistema educativo.

Cabe à educação fazer com que todos, sem exceção, façam frutificar os seus talentos e potencialidades criativas, o que implica também por parte de cada um, a capacidade de se responsabilizar pela realização do seu projeto pessoal.

A educação básica é um problema que se impõe a todos os países, até mesmo às nações industrializadas. Logo, a partir dessa fase de educação, os conteúdos devem desenvolver o gosto por aprender, a sede e alegria de conhecer e, portanto, o desejo e as possibilidades de ter acesso, mais tarde, à educação ao longo de toda a vida.

Este Curso enfoca os fundamentos da Educação, da Psicologia e da Comunicação, visando o melhor entendimento e atendimento do público em geral.

UNIDADE I

COMUNICAÇÃO

A falta de habilidade de comunicação é o problema fundamental da sociedade contemporânea - sociedade composta de imensa variedade de grupos, que vivem separados uns dos outros pelas diferenças de cultura, origens étnicas e pela própria distância social e espacial.

O que é Comunicação?

Comunicação é o processo de comunicar... fato central da experiência humana pelo qual uma pessoa influencia a outra e é influenciada por outra ... portadora do processo social; torna-se possível a interação dentro do gênero humano e capacita os homens a transformarem-se em seres sociais e assim permanecerem. Ou como Sapir compreende os processos primários conscientes ou inconscientes do comportamento do comunicador (linguagem, gesto, imitação da conduta alheia e sugestão social), que são o patrimônio da comunidade.

As comunicações têm um significado mais restrito, desde que abrangem técnicas secundárias, ou seja, instrumentos específicos, que ajudam a levar a efeito a comunicação e que só as civilizações relativamente avançadas desenvolvem em sistemas.

Esses meios técnicos de comunicação indireta ou “mediata”, desde os tambores tribais, os sinais de fumaça e os tabletas de pedra até a telegrafia, a imprensa, o cinema, são complementos da palavra, do gesto e dos sentidos, pelo que McLuhan os considera “extensões do homem”. Os meios citados e centenas de outros que o engenho humano inventa e utiliza, pertencem ao sistema geral das comunicações e possuem duas características comuns:

- A função de estender a comunicação a situações em que se faz o diálogo cara a cara;
- A natureza indireta de sua ação, dada a distância espacial e/ou temporal entre quem deles se utiliza para emitir mensagens simbólicas e quem as recebe.

A história da civilização é também a história da invenção de meios cada vez mais eficientes para a difusão e intercâmbio de informações que permitem às sociedades estruturadas a obtenção de suas metas.

Quando se estabelecem relações de cooperação/dominação entre grupos próximos ou estabelecidos a razoável distância, a comunicação se faz diretamente, pela palavra, gesto, ritos ou cerimônias que impõem leis, implantam costumes e criam tradições.

Comunicar com palavras e ações

Quando nos referimos à comunicação empresarial, estamos falando sobre toda a possibilidade de expressão de algum discurso para os públicos de relacionamento da empresa que são, principalmente os clientes, os funcionários, a comunidade e às vezes o poder público.

Cada empresa organiza nos seus planejamentos quais os seus públicos de relacionamento. E como lidar com esses grupos? De diversas formas; diversos discursos são produzidos não só através das palavras convencionais.

Existem diversas formas de a empresa se comunicar, como por exemplo, pela fachada de um prédio, a forma de arranjar o layout de uma empresa, tudo isso é comunicação. Principalmente pelo atendimento telefônico.

Aqueles que dizem “sua ligação é muito importante para nós em instantes iremos atendê-lo” e em cinco minutos não realiza o atendimento, certamente está comunicando ao cliente que ele não é tão importante assim. O atendimento a um funcionário é outra forma de comunicação. Portanto ao definir sua

política de comunicação é preciso pensar em todas as possibilidades de relacionamento com seus grupos de interesse.

Toda oportunidade de expressão de um discurso deve ser explorada, o que pode ser um discurso através de imagens, através da propaganda ou do atendimento.

Quais são as falhas mais cometidas?

O maior problema hoje com a comunicação empresarial é que os executivos, os donos de empresa, pensam que entendem de comunicação. E comunicação é uma área especializadíssima em função do momento histórico de crescimento das forças produtivas.

Na era que se convencionou chamar de pós-modernidade, as pessoas estão mais atentas aos discursos produzidos pelas empresas. Vemos muitas empresas falharem por não terem pessoas capacitadas lidando com comunicação.

Uma consequência dessa falha é uma série de inadequações no relacionamento da empresa com seus públicos de interesse, principalmente com seus clientes. Mas há problemas também com seu público interno, o que vai refletir diretamente nos produtos e nos serviços da empresa.

As falhas decorrem da falta de seriedade dos executivos com o tema. Os diretores têm a ilusão de que entendem de comunicação. Muitas empresas produzem discursos errados para públicos errados. Outra falha comum é a comunicação distanciada dos objetivos da empresa.

Comunicação é fundamental

Todas as relações acontecem por meio da comunicação, seja oral ou escrita. Por isso, torná-la cada vez mais eficaz é o grande desafio. Em todos os aspectos da vida, fazer-se entender, ou seja, comunicar-se com o outro de maneira inteligível, é fundamental.

Isso acontece nas relações entre amigos, familiares e também no campo profissional. Em qualquer emprego, por exemplo, os funcionários são

constantemente cobrados para conversar com o chefe. E, por sua vez, o chefe precisa transmitir suas idéias de maneira clara e eficiente aos subordinados, fazer apresentação para outros executivos, apresentar um projeto ou produto. Enfim, a capacidade de comunicação de todos está sempre sendo posta à prova.

“A maior importância da comunicação para o profissional de uma maneira geral é colocar-se em evidência”, aponta o instrutor de comunicação e oratória, Letterino Santoro.

O instrutor explica que um profissional medíocre, no sentido de “estar na média”, que não seja nenhum destaque na área em que atua, mas que tenha uma facilidade muito grande de transferir conhecimento, tanto para os superiores quanto para os subordinados, faz com que seja uma pessoa em evidência o tempo todo. “Aquele outro que tem grande conhecimento, é um expert no assunto, mas não tem habilidade de transmitir informações, acaba ficando para “segundo plano”. Essa é a grande importância da comunicação para o profissional moderno”, conta.

A maior dificuldade é conseguirmos passar o que estamos pensando de forma clara, adequada e compreensível. No trabalho isso é mais importante ainda, porque o profissional está exposto o tempo inteiro a situações de grupo.

Comunicação/Crescimento Profissional

Já que a comunicação é tão importante em todos os aspectos da vida, vale destacar seu papel no crescimento profissional. Quem se comunica bem, está em evidência e pode até chegar ao topo da carreira com menos esforço se comparado àquele profissional que não tem essa mesma habilidade. Ter conteúdo é importante, porém, mais essencial ainda é que todos saibam do seu potencial, conheça os seus talentos.

O estereótipo do bom comunicador é uma pessoa extrovertida e que fala bastante. Talvez você esteja pensando que os tímidos e introvertidos estão fadados ao fracasso, não é mesmo? Errado. Cada um deve encontrar sua própria maneira de realizar a comunicação de maneira efetiva. “A comunicação



tem que ser coerente com o estilo pessoal. Não é porque a pessoa é mais introvertida que não será bem-sucedida. Ela tem que achar uma forma de comunicar de um jeito que não a agrida.

Segundo os especialistas, o interessante é falar bem, na hora e lugar certos e de forma correta para cada canal com os diversos públicos que temos de nos comunicar. Tão importante quanto ter um bom conteúdo, é ter conhecimento, experiência, boa estrutura emocional para lidar com as dificuldades, adversidades e resistir às frustrações. Toda essa flexibilidade é fundamental para que a mensagem chegue da melhor maneira possível onde você quer.

Foco na Comunicação

Que saber se comunicar é fundamental em todas as carreiras, é fato, porém há determinadas profissões nas quais a comunicação é o foco. Caso haja ruídos, o fracasso pode aparecer com mais intensidade e evidência.

“Levando em consideração que a comunicação não é o que eu digo, mas sim o que chega até o outro, posso afirmar que se não chega nada, eu não me comunico”.

Todas as carreiras são dependentes da comunicação. Isto até para quem trabalha sozinho em um laboratório, porque a comunicação não é só verbal, é também escrita.

Comunicação Eficaz

Para que não haja ruídos entre quem emite a mensagem e quem a recebe, existem algumas condições importantes. A seguir, algumas dicas poderão tornar a comunicação mais eficaz, principalmente do ponto de vista profissional. Confira:

- Tenha naturalidade e espontaneidade ao falar. A naturalidade vai criar o processo de empatia com o público, e essa empatia acaba superando qualquer técnica que se possa aplicar.



- Trabalhe a emoção e o entusiasmo, porque isto envolve e contagia a platéia.
- Tenha uma postura correta diante das pessoas. Essa postura correta não quer dizer única e simplesmente física diante das pessoas, mas é moral, diante do mundo.
- Fale **Com** as pessoas e não **Para** as pessoas. Olhe nos olhos enquanto estiver falando.
- Cuidado com os vícios de linguagem. Lembre-se de que você é avaliado pelo conjunto, portanto, **os vícios de linguagem e o gerundismo** não contribuem. A grande maioria das pessoas, quando houve esse tipo de palavreado, bloqueia o processo de comunicação.
- Prepare a apresentação. Ensaie algumas vezes, faça um roteiro do que vai dizer, ajuste o que vai falar com o tempo que você tem. Planeje sempre, tenha em mente início, meio e fim da apresentação.
- Fale o português corretamente. Esse ponto impacta na imagem. Falar corretamente a sua própria língua causa uma impressão muito boa, principalmente em alguns meios. Você deve colocar o português de uma maneira correta, clara e compreensível pelas pessoas.
- Trate com carinho as amizades. Procurar manter uma rede de contatos com as pessoas que convivem com você.

E, por último, mas não menos importante: lembre-se de que menos é mais em comunicação. Não queira ser prolixo e falar difícil para parecer que tem conteúdo. Faça-se mais claro, direto e transparente. Assim, corre menos risco de errar.

A comunicação Interna nas organizações

A comunicação entre quem informa (emissor) e quem é informado (receptor), caracteriza-se pelo ato de comunicar idéias, ou seja, pelo

estabelecimento de um diálogo entre duas pessoas. É pelo diálogo que a comunicação realmente se efetiva.

É interessante saber que a comunicação interpessoal já fora pensada por Aristóteles (384-322 a.C) em sua obra “Retórica”, em que ele afirmava que a comunicação era composta de três partes:

- **Quem fala;**
- **O discurso;**
- **A audiência.**

Nele ocorre a circulação da informação e é imperativo que, ao ser transferida, ela seja compreendida pela pessoa que a recebe. A informação é o que está contido no processo da comunicação e é por este motivo que não podemos dizer que as duas palavras são sinônimas.

“Comunicar é ter uma ponte de compreensão entre você e outras pessoas, de tal forma que possam compartilhar aquilo que sentem e sabem. É com essa ponte que você pode atingir os outros com idéias, fatos, pensamentos, sentimentos e valores”.

Utilizando-a, você pode cruzar com segurança o rio de mal-entendidos que muitas vezes o separa dos outros. O maior obstáculo da comunicação entre duas pessoas, ou seja, da comunicação interpessoal, é o desconhecimento de que o receptor não é uma extensão do emissor da mensagem e vice-versa. Portanto, um, não sabe o que se passa dentro do outro.

Nesse sentido, a psicanálise afirma que o homem vive extremamente centrado em si mesmo e acredita que os outros são parecidos consigo, sentem as coisas da mesma forma e, em essência, pensam como ele.

Como sempre, o homem projeta no outro sua maneira de ser e de pensar. Falando em outras palavras, esse amontoado de mal-entendidos involuntários é resultado de uma comunicação que surge com a premissa de que as pessoas irão entender tudo exatamente como se fala. E não é bem assim! A

comunicação de verdade parte da premissa de que o outro não é uma extensão de quem transmite a mensagem.

Existem claro, outros fatores psicológicos que interferem no processo comunicacional.

O estado psicológico da pessoa que fala ou da que escuta é muito relevante para o processo de comunicação.

No processo comunicacional interpessoal, todos nós transitamos ao papel de fontes e receptores de informações. Uma hora temos a postura da fonte e no próximo instante, assumimos a postura do receptor, do ouvinte. Estar em ambos os papéis forma a dinâmica do diálogo.

O processo comunicacional e a Era da Gestão do Conhecimento

Podemos dizer que, a partir de 1890, com o advento da energia elétrica, o homem começou a trilhar um caminho tecnológico que o levaria a viver mudanças de comportamento cada vez mais rápidas. Surgiram infinitas possibilidades de conexões e grandes fluxos de informações graças ao crescimento tecnológico.

O ser humano, para a sua sobrevivência, desenvolve uma nova organização social e econômica e, para lutar pela sua ascensão profissional, tem que adquirir ampliar e administrar o conhecimento. A força do seu poder na sociedade passa a ser diretamente proporcional ao seu capital intelectual bem administrado.

Hoje, o mundo empresarial sabe que o conhecimento gerado dentro de suas organizações, precisa ser gerenciado e, para algumas empresas, o seu valor é muito maior do que seu patrimônio físico. Devido à necessidade de se entender melhor essa nova postura

Gestão do Conhecimento

Segundo Karl Sveiby, “a gestão do conhecimento é a arte de criar valor a partir dos ativos intangíveis da organização”. Já para o Gartner Group, “a gestão do conhecimento é uma disciplina que promove uma visão integrada, o gerenciamento e o compartilhamento de todo o ativo de informação possuído pela empresa. Esta informação pode estar em um banco de dados, documentos, procedimentos, bem como em pessoas, por meio de suas experiências e habilidades”.

O conhecimento dentro desse contexto se confere especificamente àquele gerado dentro das práticas profissionais num ambiente corporativo. Podemos dizer que ele é a experiência adquirida no desenvolvimento das funções profissionais. Como o professor Jaime Teixeira explica, ele é algo inseparável das pessoas e não se encontra apenas em documentos, base de dados e sistemas de informação, mas também nas práticas dos grupos e na experiência acumulada pelas pessoas.

O professor Gilson Galvão Morais, entende que o capital intelectual adquirido por uma pessoa, se caracteriza por uma construção de conhecimentos e dados transformados em informações relevantes. Esses conhecimentos e dados possuem significados específicos e se encontram disponibilizados com qualidade, de forma prática e veloz, para a consecução de resultados econômicos, financeiros e sociais, exigidos pela sociedade da informação.

O conhecimento de uma organização está contido no seu capital humano, ou seja, nas pessoas que trabalham nela.

Em outras palavras, ele é propriedade dos indivíduos que têm a possibilidade de sempre renová-lo e com isso, torná-lo mais importante do que o ativo tangível (patrimônio físico) de uma organização. Portanto, adquirir informação é saber apenas dos significados das coisas, e adquirir conhecimento é praticar e agir, a partir da aquisição da informação, diante de determinada tarefa profissional.

Em resumo, na sociedade da informação, o conhecimento é a principal fonte de riquezas.

Gerenciá-lo é fundamental para que as organizações e as pessoas obtenham sucesso. Gerir o conhecimento de uma organização significa diferenciá-lo pelo que ela sabe executar e pela maneira como emprega essa sabedoria. É atitude crucial para torná-la mais eficiente e melhor posicionada na competitividade do mercado.

A era do conhecimento indica que ascender nessa nova economia tem muito a ver com o capital intelectual útil dos trabalhadores de uma empresa. Para ambos, empresa e trabalhador, é imperativo atentar para o conhecimento e manter-se em dia numa constante busca do aprendizado.

A crescente importância da Comunicação Escrita

A crescente importância da comunicação escrita no contexto da organização empresarial, demanda a existência de alternativas mais profundas e permanentes no desenvolvimento das habilidades de interação entre executivos, gerentes e profissionais em geral.

Hoje, o diferencial competitivo não está apenas no fazer com qualidade, na medida em que o mercado exige decisões e soluções cada vez mais rápidas, originais, criativas, personalizadas e inovadoras. A comunicação escrita se insere nesse processo como ferramenta estratégica para a gestão de qualquer projeto de trabalho para que o profissional possa atender de forma conveniente a esse desafio dos novos tempos, dentro de uma perspectiva avançada.

Cada vez mais, o que diferencia um trabalho de outro, é a sua capacidade de se comunicar e de apresentar projetos inovadores. Todo esse processo passa necessariamente pela produção de texto, cujas características devem merecer especial atenção, pois em última análise refletem a imagem da Instituição.

A importância da Comunicação no Gerenciamento de Projetos

Quando falamos em gerenciamento de projetos, pensamos logo em administração de prazo, escopo e qualidade. Na verdade, a administração de todas essas áreas, requer do gerente de projeto uma gama de habilidades e técnicas efetivas, pois muitos elementos precisam ser coordenados.

Manter um time unido e sólido é um dos maiores desafios que um gerente de projeto enfrenta. Um bom plano de comunicação pode ser chave para que a execução e o controle do projeto tenham sucesso.

O desenvolvimento de um bom plano de comunicação inclui alguns importantes fatores como a administração de informação, conteúdo e precisão da informação.

Durante todo o ciclo de vida de um projeto são produzidas ou recebidas uma grande quantidade de informações. A administração dessa informação é a responsabilidade do gerente de projeto. Em um plano de comunicação, devemos identificar de forma clara como uma informação será gerada e distribuída.

Habilidades de Comunicação

A habilidade de comunicação é essencial para assegurar a compreensão de informações durante todo o ciclo de vida de um projeto. Existem vários momentos ou fases que a habilidade de comunicação pode e deve ser aplicada. É aplicada desde o processo de iniciação, estende-se ao plano global do projeto e de forma importantíssima na entrega e encerramento do projeto.

Fazer com que o time do projeto saiba qual a sua responsabilidade, liderar e motivar a equipe e fazer com que todos os integrantes estejam bem informados é considerado uma habilidade de comunicação. Independente do destino ou do resultado que a mesma deva apresentar, a informação deve ser **clara, objetiva e precisa**. A tentativa de suavizar uma informação ruim ou omitir a informação pode acarretar uma queda do resultado bom que o projeto vem apresentando.



Um gerente de projeto honesto e que mostra segurança nas informações que gera, conseguirá obter de seu time a motivação necessária para o sucesso do projeto.



UNIDADE II

EDUCAÇÃO: UM PASSAPORTE PARA A VIDA

O balanço dos esforços realizados no decorrer do século XX para fazer aumentar as possibilidades de educação é profundamente contrastante. O número de alunos inscritos nas escolas primárias e secundárias de todo o mundo, passou de cerca de 250 milhões em 1960 para mais de um bilhão hoje em dia. Durante este mesmo período, quase triplicou o número de adultos que sabem ler e escrever, passando de cerca de um bilhão em 1960, para mais de 2,7 bilhões atualmente.

Apesar disso, há ainda no mundo 885 milhões de analfabetos, atingindo o analfabetismo a seguinte proporção: **em cinco mulheres, duas são analfabetas e em cinco homens um é analfabeto.**

O acesso à educação básica, para não falar da esperança de poder completar o primeiro ciclo de escolaridade, está longe de se ter generalizado: 130 milhões de crianças no mundo, não têm acesso ao ensino primário e cem milhões de crianças matriculadas nas escolas não concluem os quatro anos de estudos considerados como o mínimo para não se esquecer o que se aprendeu, por exemplo, a leitura e a escrita.

Embora tenha diminuído a diferença entre os dois sexos, continua ainda escandalosamente elevada, isto apesar das provas irrefutáveis das vantagens que a educação dos jovens e das mulheres traz à sociedade no seu conjunto.

Atingir os que continuam excluídos da educação não exige apenas o desenvolvimento dos sistemas educativos existentes; é necessário também conceber e aperfeiçoar modelos e sistemas novos destinados expressamente a este ou àquele grupo, no quadro de um esforço coordenado que tenha em vista dar a cada criança e adulto uma educação básica pertinente e de qualidade.

A educação básica é um indispensável “passaporte para a vida”, que faz com que os que dela se beneficiam, possam escolher o que pretendem fazer,

possam participar da construção do futuro coletivo e continuar a aprender por toda a vida.

A educação básica é essencial se quisermos lutar com êxito contra as desigualdades sociais. É a primeira etapa a ultrapassar para atenuar as enormes disparidades que afligem muitos grupos humanos: mulheres, populações rurais, pobres das cidades, minorias étnicas marginalizadas e milhões de crianças não escolarizadas que trabalham.

Participação e responsabilidade da coletividade

O sucesso da escolaridade depende, em larga medida, do valor que a coletividade atribui à educação. Quando esta é muito apreciada e ativamente procurada, a missão e os objetivos da escola são partilhados e apoiados pela comunidade envolvente. É por isso que se deve encorajar e sustentar a tendência a dar, nesta área, um papel cada vez mais importante às comunidades de base.

É preciso também que a coletividade olhe para a educação como algo pertinente em relação às situações da vida real e correspondendo às suas necessidades e aspirações.

Uma das formas de participação da comunidade é a utilização de centros onde pode ser organizado um vasto leque de ações diversificadas: educação dos pais, educação para o desenvolvimento social, tratando por exemplo, de cuidados básicos de saúde ou de planeamento familiar, educação com vistas a melhorar as capacidades económicas, etc...

Os programas desses centros comunitários podem dar resposta a necessidades muito diversas, por exemplo programas alimentares, programas para a terceira idade, para a juventude, manifestações sociais e culturais, programas de atividades geradoras de rendimentos.

Em última análise, o aumento da participação da comunidade deveria traduzir-se tanto numa maior procura de serviços, como numa maior compreensão do que esses serviços podem oferecer.

Os Quatro Pilares da Educação:

A educação deve transmitir, de fato, de forma maciça e eficaz, cada vez mais, saberes e saber fazer evolutivos, adaptados à civilização cognitiva, pois são as bases das competências do futuro.

Simultaneamente, compete-lhe encontrar e assinalar as referências que impeçam as pessoas de ficarem submergidas nas ondas de informações mais ou menos efêmeras, que invadem os espaços públicos e privados e as levem a orientar-se para projetos de desenvolvimento individuais e coletivos.

À educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele.

Para dar resposta ao conjunto das suas missões, a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento:

- Aprender a conhecer isto é, adquirir os conhecimentos da compreensão;
- Aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente;
- Aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas;
- Aprender a ser, via essencial que integra as três precedentes.

É claro que estas quatro vias do saber constituem apenas uma, dado que existem entre elas múltiplos pontos de contato, de relacionamento e de permuta. Mas em regra geral, o ensino formal brasileiro, orienta-se, essencialmente, se não exclusivamente, para o aprender a conhecer e, em menor escala, para o aprender a fazer.

Cada um dos “Quatro Pilares do Conhecimento” deve ser objeto de atenção igual por parte do ensino estruturado, a fim de que a educação apareça como uma experiência global ao levar a cabo ao longo de toda a vida, no plano

cognitivo como no prático, para o indivíduo enquanto pessoa e membro da sociedade.

É indispensável para enfrentar os desafios do novo século, assinalar novos objetivos à educação e, portanto, mudar a idéia de que se tem da sua utilidade.

Uma nova concepção ampliada de educação deve fazer com que todos possam descobrir, reanimar e fortalecer o seu potencial criativo – ***revelar o tesouro escondido em cada um de nós***. Isto supõe que se ultrapasse a visão puramente instrumental da educação, considerada como a via obrigatória para obter certos resultados (saber-fazer, aquisição de capacidades diversas, fins de ordem econômica), e se passe a considerá-la em toda a sua plenitude: realização da pessoa que, na sua totalidade aprende a ser.

Aprender a Conhecer

Este tipo de conhecimento que visa o domínio dos próprios instrumentos do conhecimento pode ser considerado, simultaneamente como um meio e como uma finalidade da vida humana. Meio porque se pretende que cada um aprenda a compreender o mundo que o rodeia, pelo menos na medida em que lhe é necessário viver dignamente, para desenvolver as suas capacidades profissionais para comunicar.

Finalmente, porque seu fundamento é o prazer de compreender, de conhecer, de descobrir.

Aprender para conhecer supõe, aprender a aprender, exercitando a atenção, a memória e o pensamento. Desde a infância, sobretudo nas sociedades dominadas pela imagem televisiva, o jovem deve aprender a prestar atenção às coisas e às pessoas. É também importante considerar que o processo de aprendizagem do conhecimento nunca está acabado, e pode enriquecer-se com qualquer experiência. Neste sentido, liga-se cada vez mais à experiência do trabalho, à medida que este se torna menos rotineiro.

A educação básica pode ser considerada bem-sucedida se conseguir transmitir às pessoas o impulso e as bases que façam com que continuem a aprender ao longo de toda a vida, no trabalho, mas também fora dele.

Aprender a Fazer

Aprender a conhecer e aprender a fazer são em larga medida, indissociáveis. Mas a segunda aprendizagem está mais estreitamente ligada à questão da formação profissional: como ensinar o aluno a pôr em prática os seus conhecimentos e, também, como adaptar a educação ao trabalho futuro quando não se pode prever qual a sua evolução.

Convém distinguir o caso das economias industriais onde domina o trabalho assalariado do das outras economias onde domina, ainda em grande escala, o trabalho independente ou informal.

De fato, nas sociedades assalariadas que se desenvolveram a partir do século XX, a partir do modelo industrial, a substituição do trabalho humano pelas máquinas, acentuou o caráter cognitivo das tarefas, mesmo na indústria, assim como a importância dos serviços na atividade econômica.

O futuro destas economias depende, aliás, da sua capacidade de transformar o progresso dos conhecimentos em inovações geradoras de novas empresas e de novos empregos.

Aprender a fazer não pode continuar a ter o significado simples de preparar alguém para uma tarefa material bem determinada, para fazê-lo participar do fabrico de alguma coisa.

Como consequência, as aprendizagens devem evoluir e não podem mais ser consideradas como simples transmissão de práticas mais ou menos rotineiras, embora estas continuem a ter um valor formativo que não é de desprezar.

Aprender a viver Juntos - Aprender a viver com os Outros

Sem dúvida, esta aprendizagem representa hoje em dia, um dos maiores desafios da educação. O mundo atual é, muitas vezes, um mundo de violência que se opõe à esperança posta por alguns no progresso da humanidade.

A história humana sempre foi conflituosa, mas há elementos novos que se acentuam o perigo e, especialmente, o extraordinário potencial de autodestruição criado pela humanidade no decorrer do século XX.

A opinião pública, através dos meios de comunicação social, torna-se observadora impotente e até refém dos que criam ou mantêm os conflitos. Até agora a educação não pôde fazer grande coisa para modificar esta situação real.

Poderemos conceber uma educação capaz de evitar os conflitos, ou de resolver de maneira pacífica, desenvolvendo o conhecimento dos outros, das suas culturas, da sua espiritualidade?

É de louvar a idéia de ensinar a não-violência na escola, mesmo que apenas constitua um instrumento, entre outros, para lutar contra os preconceitos

geradores de conflitos. A tarefa é árdua porque, os seres humanos têm tendência a supervalorizar as suas qualidades e as do grupo a que pertencem, e a alimentar preconceitos desfavoráveis em relação aos outros.

Por outro lado, o clima geral de concorrência que caracteriza atualmente a atividade econômica no interior de cada país, tem tendência a dar prioridade ao espírito de competição e ao sucesso individual. De fato, esta competição resulta, atualmente, numa guerra econômica implacável e numa tensão entre os mais favorecidos e os pobres. É de lamentar que a educação contribua por vezes, para alimentar este clima.

Que fazer para melhorar a situação?

A experiência prova que, para melhorar o risco, não basta pôr em contato e em comunicação, membros de grupos diferentes (através de escolas comuns a várias etnias e religiões, por exemplo).

Se, no seu espaço comum, estes diferentes grupos já entram em competição um contato deste gênero pode, pelo contrário, agravar ainda mais as tensões e degenerar em conflitos. Pelo contrário, se este contato se fizer num contexto igualitário, e, se existirem objetivos e projetos comuns, os preconceitos e a hostilidade podem desaparecer e dar lugar a uma cooperação mais serena e até a amizade.

Parece, pois, que a educação deve utilizar duas vias complementares. Num primeiro nível, a descoberta progressiva do outro. Num segundo nível, e ao longo de toda a vida, a participação em projetos comuns, que parece ser um método eficaz para evitar ou resolver conflitos latentes.

Aprender a Ser

A educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa: espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade.

Todo o ser humano deve ser preparado, especialmente graças a educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida.

Num mundo em mudança, em que um dos principais motores parece ser a inovação social como econômica, deve ser dada importância especial à imaginação e à criatividade.

O século XXI necessita desta diversidade de talentos e de personalidades, mais ainda de pessoas excepcionais, igualmente essenciais em qualquer civilização.

Convém, pois, oferecer às crianças e aos jovens todas as ocasiões possíveis de descoberta e de experimentação - estética, artística, desportiva, científica, cultural e social.

Na escola, a arte e a poesia deveriam ocupar um lugar mais importante do que aquele que lhes é concedido em muitos países, por um ensino tornado mais utilitarista do que cultural. A preocupação em desenvolver a imaginação e a criatividade, deveria também revalorizar a cultura oral e os conhecimentos retirados da experiência da criança ou do adulto.

“O desenvolvimento tem por objeto a realização completa do homem, em toda a sua riqueza e na complexidade das suas expressões e dos seus compromissos: indivíduo, membro de uma família e de uma coletividade, cidadão e produtor, inventor de técnicas e criador de sonhos”.

Neste sentido, a educação é antes de mais nada uma viagem interior, cujas etapas correspondem às de maturação contínua da personalidade. A

educação é um meio para uma realização de sucesso e ao mesmo tempo um processo individualizado e uma construção social interativa.

Educação ao longo de toda a vida

A educação ocupa cada vez mais espaço na vida das pessoas à medida que aumenta o papel que desempenha na dinâmica das sociedades modernas. Hoje em dia, ninguém pode pensar adquirir, na juventude, uma bagagem inicial de conhecimentos que lhe baste para toda a vida, porque a evolução rápida do mundo, exige uma atualização contínua dos saberes, mesmo que a educação inicial dos jovens tender a prolongar-se.

Uma educação permanente, realmente dirigida às necessidades das sociedades modernas não pode continuar a definir-se em relação a um período particular da vida. A educação básica bem-sucedida suscita o desejo de continuar a aprender.

A educação ao longo da vida é uma construção contínua da pessoa humana, do seu saber e das suas aptidões, mas também da sua capacidade de discernir e agir. Deve levá-la a tomar conhecimento de si própria e do meio que a envolve e a desempenhar o papel social que lhe cabe no mundo do trabalho e na comunidade.

O mundo do trabalho constitui um espaço privilegiado de educação. Trata-se antes de mais nada da aprendizagem de um conjunto de habilidades e, a este respeito, importa que seja mais reconhecido na maior parte das sociedades, o valor formativo do trabalho, em particular quando inserido no sistema educativo.

O conceito de educação ao longo de toda a vida é a chave que abre as portas do século XXI.

Nesta nova perspectiva, a educação permanente é concebida como indo muito mais além do que já se pratica, especialmente nos países desenvolvidos: atualização, reciclagem e promoção profissional dos adultos. Deve-se ampliar a todos, as possibilidades de educação com vários objetivos, quer se trate de

oferecer uma segunda ou uma terceira oportunidade, de dar resposta à sede de conhecimento, de beleza ou de superação de si mesmo, ou ainda, ao desejo de aperfeiçoar e ampliar as formações estritamente ligadas às exigências da vida profissional, incluindo as formações práticas.

Em suma, a “educação ao longo de toda a vida”, deve aproveitar todas as oportunidades oferecidas pela sociedade.

Ensinar, uma Arte e uma Ciência

A forte relação estabelecida entre professor e aluno, constitui o cerne do processo pedagógico. O saber pode evidentemente adquirir-se de diversas maneiras e o ensino a distância ou a utilização de novas tecnologias no contexto escolar têm-se revelado eficazes. Mas para quase todos os alunos, em especial para os que não dominam ainda os processos de reflexão e de aprendizagem, o professor continua indispensável.

O progresso do desenvolvimento individual supõe uma capacidade de aprendizagem e de pesquisa autônomas que só se adquire após determinado tempo de aprendizagem, junto de um ou de vários professores.

Quem não recorda ainda aquele professor que levava a refletir, que incutia a vontade de trabalhar as questões um pouco mais profundamente? Que ao tomar decisões importantes no decurso de sua vida, não foi influenciado, ao menos em parte, pelo que aprendeu com determinado professor?

O trabalho do professor não consiste simplesmente em transmitir informações ou conhecimentos, mas em apresentá-los sob a forma de problemas a resolver, situando-se num contexto e colocando-os em perspectiva de modo que o aluno possa estabelecer a ligação entre a sua solução e outras interrogações mais abrangentes.

A relação pedagógica visa o pleno desenvolvimento da personalidade do aluno, no respeito pela sua autonomia e, deste ponto de vista, a autoridade de que os professores estão revestidos, tem um caráter paradoxal, uma vez que não se baseia numa afirmação de poder, mas no livre reconhecimento da

legitimidade do saber. Esta noção de autoridade poderá evoluir, mas, por enquanto permanece essencial, pois é dela que derivam as respostas às questões que o aluno coloca sobre o mundo e é ela que facilita o sucesso do processo pedagógico.

Além disso, a necessidade de o aluno contribuir para a formação da capacidade do discernimento e do sentido das responsabilidades individuais impõe - se cada vez mais nas sociedades modernas e se pretende que os alunos sejam, mais tarde, capazes de prever e adaptar-se às mudanças, continuando a aprender ao longo de toda a vida.

A grande força dos professores, reside no exemplo que dão, manifestando sua curiosidade e sua abertura de espírito, e mostrando-se prontos a sujeitar as suas hipóteses à prova dos fatos e até a reconhecer os próprios erros. Devem sobretudo, transmitir o gosto pelo estudo.

É preciso também, repensar a formação dos professores de maneira a cultivar as qualidades humanas e intelectuais, aptas a favorecer uma nova perspectiva de ensino e de educação em geral.

Atividades sobre o texto:

*1. Para responder as grandes e complexas exigências do mundo atual, a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais-
Os Pilares da Educação.*

Responda:

- O que significa “Pilares da Educação”?
 - Quais são os quatro pilares que fundamentam a educação brasileira?
2. O que significa “Educação centrada no ser humano”?
3. O que significa dizer: “A educação básica é um indispensável passaporte para a vida”.

Aprender o que ensinar e como ensinar

Atualmente, o mundo no seu conjunto evolui tão rapidamente, que os professores devem começar a admitir que a sua formação inicial não é suficiente para o resto da vida: precisam de atualizar e aperfeiçoar seus conhecimentos e técnicas ao longo de toda a vida.

O equilíbrio entre a competência na disciplina ensinada e a competência pedagógica deve ser cuidadosamente respeitado. Ambas as competências são necessárias e nem a formação inicial nem a formação contínua devem sacrificar-se uma a outra.

Em certos países critica-se o sistema por negligenciar a pedagogia; noutros, esta é privilegiada em excesso dando origem a professores com conhecimentos insuficientes da matéria que lecionam.

A formação dos professores deve, por outro lado, inculcar-lhes uma concepção de pedagogia que transcende o utilitário e estimule a capacidade de questionar, a interação e a análise de diferentes hipóteses.

Uma das finalidades essenciais da formação de professores, quer inicial, quer continuada, é desenvolver neles as qualidades de ordem ética, intelectual e afetiva que a sociedade espera deles de modo a poderem em seguida, cultivar nos seus alunos o mesmo leque de qualidades.

Uma formação de qualidade supõe que os futuros professores sejam postos em contato com os professores mais experimentados e com pesquisadores que trabalham em suas respectivas disciplinas.

A formação de professores deve também incluir um forte componente de formação para a pesquisa e estreitar-se as relações entre os instintos de formação pedagógica e a universidade.

Apesar da profissão do professor ser fundamentalmente uma atividade solitária, no sentido em que cada professor se encontra perante as suas próprias responsabilidades e deveres profissionais, o trabalho em equipe é indispensável, sobretudo no Ensino Médio, para melhorar a qualidade da

educação e adaptá-la às características particulares das aulas e dos diferentes grupos de alunos.

A Educação e a Luta contra a Exclusão

A educação pode ser um fator de coesão, se procurar ter em conta a diversidade dos indivíduos e dos grupos humanos, evitando tornar-se um fator de exclusão social.

O respeito pela diversidade e pela especificidade dos indivíduos constitui de fato, um princípio fundamental que deve levar à extinção de qualquer forma de ensino padronizado.

Os sistemas educativos formais são muitas vezes, acusados e com razão, de limitar a realização pessoal, impondo a todos os estudantes o mesmo modelo cultural e intelectual, sem ter em conta a diversidade dos talentos individuais. Tendem cada vez mais por exemplo, privilegiar o desenvolvimento do conhecimento abstrato, em detrimento de outras qualidades humanas, como a imaginação, a aptidão para comunicar o gosto pela animação do trabalho de equipe, o sentido do belo, a dimensão espiritual ou a habilidade manual.

De acordo com as aptidões e seus gostos pessoais, que são diversos desde o nascimento, nem todos os alunos retiram as mesmas vantagens dos recursos educativos comuns. Podem até cair em situação de insucesso por falta de adaptação da escola aos seus talentos e às suas aspirações.

Além da multiplicidade dos talentos individuais, a educação confronta-se com a riqueza das expressões culturais dos vários grupos que compõem a sociedade, sendo este um dos princípios fundamentais - *o respeito pela pluralidade*.

Mesmo que as situações sejam muito diferentes de um país para outro, a maior parte dos países caracteriza-se, de fato, pela multiplicidade das suas raízes culturais e linguísticas.

A questão do pluralismo cultural e linguístico surge, também, em relação às populações autóctones, ou aos grupos imigrantes, para os quais há que se

encontrar o equilíbrio entre a preocupação de uma integração bem-sucedida e o enraizamento da cultura de origem. Neste sentido, importa promover uma educação intercultural, que seja verdadeiramente um fator de coesão e de paz.

Depois, é necessário que os próprios sistemas educativos não conduzam por si mesmos, a situações de exclusão. Mesmo nos países que mais gastam com a educação, o insucesso e o abandono escolares afetam um grande número de alunos. Gerador de exclusão, o insucesso escolar está em muitos casos, na origem de certas formas de violência e de desvios individuais.

Estes processos que destroem o tecido social fazem com que a escola seja acusada de ser fator de exclusão social e, ao mesmo tempo, seja fortemente solicitada como instituição-chave para a integração e reintegração.

Os problemas que esta situação cria às políticas educativas, são particularmente difíceis: a luta contra o insucesso escolar deve, antes de mais nada, ser considerada como um imperativo social.

As Mulheres e as Jovens: uma educação para a igualdade

É importante ressaltar neste texto, o interesse da Declaração da quarta Conferência Mundial sobre as Mulheres, realizada em Beijing – Índia, em setembro de 1995. Nesta conferência, foram analisadas as diferentes formas de discriminação das jovens e das mulheres, especialmente nas áreas de educação e formação, e se apontam à comunidade internacional, vários objetivos fundamentais:

- Garantir a igualdade de acesso às mulheres à educação;
- Eliminar o analfabetismo feminino;
- Melhorar o acesso das mulheres à formação profissional;
- Melhorar o acesso das mulheres ao ensino científico, tecnológico e à educação permanente.

A recusa de igualdade com os homens de que sempre são vítimas, as mulheres na maior parte das regiões do mundo, de acordo com as tradições e as

circunstâncias, continuam a ser, por sua extensão e gravidade, um atentado aos direitos da pessoa humana.

Garantir às jovens e às mulheres, uma educação que lhes permitam eliminar, o mais rapidamente possível a diferença que as separa dos homens, a fim de lhes abrir, no trabalho, na sociedade, no domínio político, as vias de ação e de acesso ao poder que até hoje lhes estão vedadas, não é apenas uma exigência ética.

Vários estudos põe em evidência um fato social importante: as mulheres tornaram-se agentes de primeira grandeza em todo o mundo, ainda que os indicadores analisados, muitas vezes, minimizam ou ocultam a sua verdadeira contribuição para o desenvolvimento.

A educação das mulheres e das jovens é deste ponto de vista, um dos melhores investimentos para o futuro. Quer o objetivo seja melhorar a saúde pública das famílias, a escolarização das crianças ou a vida comunitária, é educando as mães e promovendo, de um modo geral, a condição feminina que as sociedades terão mais probabilidades de ver coroados de êxitos os seus esforços.

O mundo em que vivemos, dominado quase exclusivamente pelos homens, tem muito a aprender e esperar da emancipação feminina.

Desenvolvimento centrado no ser Humano: *finalidade última da Educação e da Cultura*

O desenvolvimento, “plena realização das potencialidades humanas em todo o mundo”, é o objetivo último da educação e da cultura.

Na Ásia, a educação é concebida como uma “força vital do desenvolvimento” e a cultura é tida como importante meio de garantir o desenvolvimento e, ao mesmo tempo, um dos seus elementos fundamentais. A exemplo de outras regiões, a Ásia concebe o desenvolvimento cada vez mais como um processo dinâmico complexo, englobando as dimensões econômica, política, social, humana, ecológica e cultural.

Nunca é demais insistir na vantagem que representa para a educação e para a cultura, a modernização da economia nacional, sobretudo nos países em desenvolvimento. Na falta de uma indústria e de uma agricultura nacionais fortes, os sistemas educativos não dispõem de recursos necessários e vêm comprometida a sua própria independência política.

Sem a civilização material, fruto do desenvolvimento da tecnologia e da infra-estrutura, a civilização espiritual ver-se-á privada de apoios fortes e a identidade cultural das populações locais, ficará ameaçada por novas formas de colonialismo cultural, em proveito de poderosas tecnologias da informação. Eis porque a maior parte dos países da Ásia fizeram, e bem, da modernização da economia, a principal de suas prioridades, e desenvolvem firmes esforços para levar a educação a bom termo.

É certo que, o progresso econômico e técnico perderá o seu verdadeiro sentido, se os esforços a favor do desenvolvimento não tiverem como elementos e objetivos centrais, as dimensões humanistas e culturais do ser humano.

Atividades sobre o texto lido:

1. Como a educação deve ser organizada para que esta possa efetivamente, dar grande contribuição ao combate da exclusão social?
2. Por que é tão importante priorizar a educação das mulheres (jovens e adultas) em todo o mundo?

UNIDADE III

PSICOLOGIA

O presente texto aborda questões pertinentes à modernização e tecnologia, seus avanços e influências no cotidiano do ser humano.

A Revolução Industrial tornou as organizações maiores e mais complexas, trazendo consigo o avanço tecnológico e uma visão focada para a lucratividade e produtividade, onde homens já não se identificam com o produto de seu trabalho.

Cada vez mais percebemos em nossos lares e local de trabalho, as amarras da tecnologia ajudando e prejudicando fortemente o ser humano, individualizando-o, dificultando seu contato e o seu relacionamento com os demais, mutilando indiretamente a criatividade, a imaginação, a percepção e a espontaneidade.

Estamos sujeitos à considerável manipulação e ajustamento, e é bem possível que muitas das escolhas que nos estão abertas, são mais aparentes do que reais. O homem vai deixando de lado sua capacidade criadora para tornar-se a “engrenagem de uma máquina”. A experiência do homem urbano funde-se com a tecnologia moderna.

Mudanças na estrutura urbana, na arquitetura, nos meios de comunicação e no transporte da sociedade, correspondem à nova estrutura da vida. Parece que o ritmo das máquinas impõe um novo ritmo e um novo tempo para o ser humano, levando em conta a história da psicologia e suas influências no mundo globalizado de hoje.



O QUE É PSICOLOGIA?

Psicologia é a ciência que estuda o comportamento humano e seus processos mentais. Melhor dizendo, a Psicologia estuda o que motiva o comportamento humano – o que o sustenta, o que o finaliza e seus processos mentais, que passam pela sensação, emoção, percepção, aprendizagem, inteligência...

A história da Psicologia, cuja etimologia deriva de Psique (alma) + Logos (razão ou conhecimento), se confunde com a Filosofia até meados do século XIX. Sócrates, Platão e Aristóteles deram o pontapé inicial na instigante investigação da alma humana:

Para Sócrates (469/ 399 a C.) a principal característica do ser humano era a razão – aspecto que permitiria ao homem deixar de ser um animal irracional. Platão (427/ 347 a C.) – discípulo de Sócrates, conclui que o lugar da razão no corpo humano era a cabeça, representando fisicamente a psique, e a medula teria como função a ligação entre mente e corpo. Já Aristóteles (387/322 a C.) – discípulo de Platão – entendia corpo e mente de forma integrada, e percebia a psique como o princípio ativo da vida.

Durante a “era cristã” – quando todo conhecimento era produzido e mantido a sete chaves pela Igreja, Santo Agostinho e São Tomé de Aquino partem dos posicionamentos de Platão e Aristóteles respectivamente.

O fato é que no final do século XIX, os acadêmicos da época resolvem distanciar a Psicologia da Filosofia e da Fisiologia, dando origem ao que se chamou de Psicologia Moderna. Os comportamentos observáveis passam a fazer parte da investigação científica em laboratórios com objetivo de controlar o comportamento humano.

Nesse sentido, os teóricos objetivam suas ações na tentativa de construir um corpo teórico consistente, buscando o reconhecimento, enfim, da Psicologia como ciência.

No início do século XX, surgem três correntes principais, que, por sua vez originaram a diversidade de correntes psicológicas, que conhecemos hoje:

- **Behaviorismo** - surgiu nos EUA com John Watson (1878/1958). Foi conhecida pela teoria S-R, ou seja, para cada resposta comportamental, existe um estímulo.
- **Gestaltismo** - surgiu na Europa, mais precisamente na Alemanha, com Wertheimer, Köhler e Koffka, entre 1910 e 1912 e nega a fragmentação das ações e processos humanos, postulando a necessidade de se compreender o homem como uma totalidade, resgatando as relações da Psicologia com a Filosofia.
- **Psicanálise** - teoria elaborada por Sigmund Freud (1856/1939) recupera a importância da afetividade e tem como seu objeto de estudo o inconsciente.
- Hoje, século XXI os conhecimentos produzidos pela Psicologia e a complexidade e capacidade de transformação do ser humano, acabaram por ampliar em grande medida sua área de atuação. Assim, a Psicologia, pode contribuir em várias áreas do conhecimento, possibilitando a cada área uma gama infinita de descobertas sobre o homem e seu comportamento, ou sobre o homem e suas relações.

A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA: RAÍZES FILOSÓFICAS

Muito antes de existir a Psicologia, a Filosofia já se atarefava de investigar (por métodos diferentes) e problematizar questões relativas ao mesmo objeto desta. Sendo a Filosofia uma perpétua fonte de reflexões abstratas, desprovidas do elemento empírico, e de profunda importância para a formação dos saberes, cabe estudar como a filosofia influenciou o aparecimento da Psicologia.

Podemos dividir em duas fases a história da influência filosófica na Psicologia: uma inteiramente filosófica e outra pré-científica.

Fase Filosófica (VI AC -XVI

Subdivide-se em três fases: *cosmocêntrica*, *antropocêntrica* e *teocêntrica*.

Começa na Antiguidade Clássica, com os filósofos pré-socráticos e suas especulações sobre a natureza da realidade sensível, sobre as origens e atributos do mundo físico. Marcada pelo surgimento de idéias que influenciariam escolas modernas de Psicologia. O alvo desta fase é a natureza da realidade física externa do mundo.

A fase antropocêntrica inicia-se com Sócrates, que faz da Filosofia um exercício de questionamento sobre o saber; Platão, que discute a essência da alma, o mundo das idéias, e Aristóteles que escreve um tratado especulativo sobre temas como personalidade e a percepção, chamado “Sobre as Almas”. Nesta fase, a Filosofia desloca suas perguntas para a natureza da alma, isto é, da totalidade psíquica ou consciência humana, pressupondo esta imortal.

Na Idade Média - fase teocêntrica, baseada na dogmática filosofia escolástica de padres da Igreja Católica como Tomás de Aquino e Santo Agostinho, que fizeram releituras de Aristóteles e Platão, adaptando-os à Sagrada Escritura Judaico-Cristã. A sub-fase teocêntrica da fase filosófica da Psicologia pouco contribuiu para sua formação.

A PSICOLOGIA MODERNA

Fase pré-científica (XVI - 1879)

Com a Modernidade veio a rejeição ao dogmatismo medieval, a valorização da razão (inspirada nos moldes clássicos gregos), e o nascimento da Ciência. Toda essa fase caracteriza-se pela busca da resposta à seguinte questão:

“Como se dá o conhecimento? Como é possível ao homem conhecer algo?”

Identificam-se cinco correntes filosóficas modernas que tiveram importância chave para a cientificação da Psicologia. Os métodos e escolas em Psicologia que apareceriam no século XX e se inspirariam em uma ou outra destas cinco tendências filosóficas:

- 1. EMPIRISMO CRÍTICO**, (de Descartes, Locke e Kant), que professava a importância de um método racional, quantificador e experimental para o estudo dos fenômenos mentais, estipulava a interação entre idéias inatas e o aprendizado pela experiência para a formação da mente.
- 2. ASSOCIACIONISMO** (que teve Darwin, Mill e Spencer, pensadores ingleses, como expoentes) pelo qual o todo consciente da mente era a somatória de idéias simples, que se associavam gerando redes cada vez mais complexas. Com Darwin, essa idéia foi acrescida ainda do conceito de evolução.
- 3. MATERIALISMO CIENTÍFICO**. Pelo qual apenas o positivo (isto é, o observável e quantificável) é alvo de estudo científico. Buscava o objetivo do saber. Influenciou pensadores como Marx e Comte.
- 4. FENOMENOLOGIA**. Foi o método de questionamento e investigação intrapsíquica de Husserl, que usava a introspecção e eliminava dicotomias como objetivo-subjetivo, observador-observado, etc.
- 5. ROMANTISMO**. Trata-se de uma visão humanista, pela qual o homem é essencialmente bom, sendo estragado pela vida em sociedade, porém conservando uma alma que anseia ser amada e ser livre. Teve como expoente Rousseau, e o seu famoso “Mito do Bom Selvagem”.

A Era das Escolas / Fase Científica (1879)

O marco histórico do início da Psicologia Científica foi a criação do primeiro laboratório de Psicologia Experimental do mundo, por Wundt, em 1879, na Alemanha. No início, para emancipar-se da Filosofia, a Psicologia se

revestiu da terminologia da Fisiologia. Era a Psicofísica de Fechner, repleta de fórmulas matemáticas para descrever e prever a percepção.

Duas abordagens marcam a fase científica da Psicologia:

O Estruturalismo, pelo qual busca-se saber “o **Quê?**” dos fenômenos mentais, suas estruturas universais e imutáveis, identificando-se com a Anatomia; e o Funcionalismo, que busca o “**Como?**”, e identifica-se com a Fisiologia.

Inicia-se a Fase das Escolas, que são como ramos divergentes de uma mesma árvore, que estipulam diferentes métodos, pressupostos e objetos de estudo.

Destacam-se quatro métodos:

1. Behaviorismo

Partindo de pressupostos da Filosofia Positivista, o Behaviorismo se consolida como a primeira escola organizada (posterior a Psicofísica de Wundt), usando parcialmente o método científico (pois não teoriza), e propõe-se a estudar o comportamento humano, partindo de uma visão atomista pela qual o homem é produto e produtor de condicionamentos e seu comportamento é um emaranhado aprendido de respostas associadas a estímulos ambientais.

Estuda tão somente o comportamento observável e quantificável (positivismo). Figura em vários campos de atuação, desde o educacional ao clínico. Tem por criadores e expoentes Watson e Skinner.

2. Psicanálise

Considerada por muitos não como uma escola psicológica, mas como algo a parte de toda a Psicologia. Criada pelo neurologista Sigmund Freud no início do século XX, parte do pressuposto da existência de um compartimento da alma chamado “inconsciente”, que determina a vida psíquica do sujeito, sendo parcialmente acessível.

O inconsciente freudiano é de natureza eminentemente sexual, sendo a libido a força motriz da alma. Freud criou teorias como o Complexo de Édipo, as Tópicos da Alma (divisões dessa em inconsciente, pré-consciente e consciente, bem como em ego, id e super-ego) e um método baseado na análise e hermenêutica de sonhos, atos falhos, etc. A psicanálise conta com diversos dissidentes, que alteraram em vários pontos e níveis as idéias de Freud. Dentre os quais se destacam Jung, Adler, Reich, etc. Trata-se de uma escola essencialmente clínica.

3. Gestalt

Partindo de várias informações sobre a neurofisiologia da percepção (Koehler), e somando-se ao método fenomenológico (de Husserl e Merleau-Ponty) e a pressupostos da filosofia existencialista (Sartre), nasce a Gestalt (palavra em alemão que significa “Configuração”).

4. Desenvolvimentistas

Na verdade, a escola desenvolvimentista é um ramo e não propriamente uma escola psicológica, com destaque para Piaget e Vygotsky. Os dois tentaram responder, basicamente, as mesmas questões:

- “Como se dá o desenvolvimento cognitivo?”
- Qual a relação entre maturação e desenvolvimento?
- Qual o papel da dimensão social neste processo?
- Como se dá a aprendizagem?”.

Partindo de dados neurocientíficos, porém divergindo em pressupostos filosóficos, os dois criaram corpos teóricos que dão a essas perguntas, respostas um tanto diferentes. Para muitos psicólogos, Piaget e Vygotsky se complementam, para outros, são inconciliáveis.

5. Humanismo

Considerados por muitos mais uma Filosofia Aplicada, refletiu-se em autores como Carl Rogers, que criaram métodos terapêuticos, pedagógicos e assistenciais baseados na concepção humanista do homem, como sendo este o autor-maior de sua história e destino.

O Que É Psicologia, Afinal?

Em que forma de saber se enquadra a Psicologia? Por vezes ela tende à Arte (como na Psicologia Analítica de Jung), por vezes ao misticismo (como em seu uso nas terapias alternativas), e ainda à Filosofia (Carl Rogers) e ao Senso Comum.

Algumas de suas escolas são semi-científicas (como o Behaviorismo e a Gestalt), outras não o são (como a Psicanálise), outras se apóiam sobre dados científicos (como os desenvolvimentistas). Cada uma dessas escolas usa métodos diferentes: ora o fenomenológico (Gestalt), ora o semi-científico (Behaviorismo), ora a introspecção (Humanistas), etc. Cada uma dessas escolas concebe um diferente alvo de estudo da Psicologia: para os behavioristas é o comportamento, para os psicanalistas é a alma através do inconsciente, para os Gestaltistas é o homem por meio de sua percepção; para os desenvolvimentistas é a relação desenvolvimento/aprendizagem; etc.

Mas, se lembrarmos que a Psicologia surgiu de uma Filosofia Moderna que estava inteiramente interessada na questão do conhecimento, (ou seja, **de como, por quê** se se conhecesse algo), podemos nos perguntar se não é, afinal, o CONHECIMENTO o alvo de estudo da Psicologia.

Assim, cada escola enfocou um aspecto diferente do fenômeno CONHECIMENTO: ora os atos observáveis (Behaviorismo), ora a percepção (Gestalt), ora a imaginação e afetos (Psicanálise), ora a maturação fisiológica e as relações sociais (Piaget e Vygostky). Contudo, todos são aspectos, são partes do fenômeno-maior: o CONHECER. Dizer que a Psicologia estuda o

CONHECER pressupõe que ela estuda tanto o conhecedor quanto o conhecido, quanto o processo em si.

Elucidada a questão do alvo de estudo, resta-nos refletir sobre seu método e pragmatismo. Sob o método, entende-se que deve se tratar do Científico, conforme exposto.

Sob o pragmatismo, o objetivo da Psicologia enquanto Ciência e Profissão é compreender e manipular as relações de CONHECER, seja no campo clínico (auto-conhecimento), escolar (didática), social (dinâmicas), experimental, etc; a fim de aumentar a qualidade de vida do homem.

A importância da Psicologia para o homem de hoje

Há pouco mais de cem anos o Brasil era um país predominantemente agrário. Ainda que as cidades existissem e que algumas fábricas pudessem ser encontradas em certas regiões do país, a paisagem rural foi largamente preponderante nesse período.

A riqueza brasileira provinha até então, principalmente da agricultura e da exportação de produtos agrícolas. Senhores de terra e escravos constituíam as camadas sociais mais importantes, embora um contingente de população livre se tornasse gradativamente expressiva a partir de 1850, quando o sistema de produção brasileiro, herdado do período colonial, entrou em colapso com a extinção do tráfico negreiro, entre outros fatores (DECCA, 1991).

As transformações econômicas e sociais do Brasil propiciaram as condições necessárias para a industrialização (processo social em que a fábrica ocupa o lugar central) e para um desenvolvimento urbano acelerado.

Pequenos núcleos urbanos e cidades se expandiram, enquanto novos centros urbanos se formaram; as chaminés de fábricas e conjuntos industriais os povoaram, modificando-lhes a feição pacata e imprimindo-lhes outro ritmo de atividades.

O domínio das forças naturais pelos novos processos técnicos exigiu esforço coletivo e conjugado de numerosas equipes de trabalhadores, e, essas equipes estavam sempre em função de um equipamento, uma máquina.

O trabalho urbano era bastante heterogêneo; operários industriais e urbanos, trabalhadores assalariados ou independentes, operários de grandes e pequenas indústrias, de oficinas de tamanho médio ou de “fundo de quintal” (DECCA, 1991). A agilidade era cobrada pelos donos das fábricas e o homem começou a ser apenas uma das “engrenagens de uma máquina” (DECCA, 1991). Na verdade, o trabalhador foi submetido e dominado por suas condições de trabalho.

Com a fábrica, houve dependência crescente do trabalho diante do capital, o qual passou a desempenhar cada vez mais funções de coerção e disciplina. É o ponto de partida para um sistema de vida associativa que exige condições psicológicas novas e compreensão do sentido da sociedade para o resultado comum.

Atualmente, há máquinas industriais de enorme potencial produtivo, estabelecidas sob modificações tecnológicas. Nossa engenharia possui amplos e detalhados conhecimentos sobre as características da máquina, indo até o seu botão de acionamento-ponto no qual o operador entra em contato com ela.

O operador é considerado dependente variável; espera-se que ele se molde e adapte-se com as necessidades e imposições da máquina.

Pergunta-se então:

A que preço? Ao preço de um homem despojado de sua liberdade, de sua dignidade; um homem condicionado, um homem-massa, incapaz de ação original, de criar, ampliar e pensar... *apenas decorar e agir.*

Tudo isso parece inferido das afirmações de FREUD (1924, citado por AGOSTI, 1970) em sua “Psicologia das Massas”, quando afirma que o homem, ao pertencer a uma massa organizada desce vários degraus da escada da civilização.

É definitivamente a imunidade de um sistema que ao separar o homem do produto de seu trabalho, ao limitá-lo em sua função criadora mediante a fragmentação de suas práticas de trabalho, faz com que o trabalho, que é uma condição essencial do homem, converta-se no seu castigo.

Segundo (SPRANGER, 1970) um dos sintomas da crise do homem é a divisão do trabalho, que dispersa as forças do indivíduo e assume proporções funestas, fazendo com que o homem deixe de ser pessoa para converter-se em “rodas movidas de fora”.

A velocidade das técnicas leva a uma unificação do espaço, fazendo com que os lugares se globalizem. Cada local, não importa onde se encontre, revela o mundo, já que os pontos desta malha abrangente são susceptíveis de intercomunicação.

McDonald's, Coca-Cola, cosméticos Revlon, calças jeans Ellus, televisores Toshiba, chocolate Nestlé, tênis Reebok.... Familiaridade que se realiza no anonimato de uma civilização (ORTIZ, 1994).

Qual a questão mais vital para as empresas hoje? Capital? Estratégia? Produtos Inovadores? Tecnologia de Ponta? São todos, itens poderosos. Mas subitamente perdem a intensidade e a força quando confrontados com outro tópico: *o talento*. Nada é tão vital na agenda das empresas hoje como o talento.

O movimento de valorização das relações humanas no trabalho surgiu da constatação da necessidade de considerar a relevância dos fatores psicológicos e sociais na produtividade. As bases desses movimentos foram dadas pelos estudos desenvolvidos pelo psicólogo Elton Mayo (1890-1949), seu estudo veio demonstrar a influência de fatores psicológicos e sociais no produto final do trabalho. Como consequência passou-se a valorizar as relações humanas no trabalho.

Mas até que ponto essa valorização é efetivada?

O fator humano está sendo deixado em segunda, terceira ou quarta opção; para algumas empresas poder-se-ia afirmar que é visto sob uma perspectiva de engrenagem, em outras palavras comparado como uma máquina.

Segundo DI LASCIO (2001), Psicólogo do Trabalho Organizacional, o volume de pessoas com estresse ou outros problemas como depressão, causados por essa pressão contínua e excessiva, está aumentando assustadoramente.

Na Psicologia encontra-se muitas informações, técnicas e instrumentos que podem melhorar as relações e o ambiente de trabalho do indivíduo, seja em seu relacionamento interpessoal ou nas atividades de grupos de trabalho, para que venha a ser mais produtivo, mas de forma natural e criativa.

“Queremos que o trabalho se transforme em fonte de prazer e bem-estar e não de pesadelo. Ser humano trabalhador, sempre terá para nós muito mais valor que a tecnologia, a máquina ou o computador, já que não existe nada que o substitua, por mais que tentem”.
(DI LASCIO, 2001, p.11).

A rede se estende, a descentralização alastra-se geograficamente, abrange nações e vai ocupando os continentes. O ser humano passa pela massificação anônima para a atomização através dos meios. Há velocidade em tudo, a Internet, o fax, o telefone, o avião... vão derrubando fronteiras nacionais e tornando obsoletas as organizações locais.

O homem vai sendo mudado, ocupa seu lugar no planeta como espécie. Os jovens reagem ao vazio de uma educação superada. Nada tem a ouvir ou dizer a uma sociedade robotizada e buscam comunicação não verbal na música e na dança.



A insensibilidade coletiva em relação aos efeitos da tecnologia e dos meios impede a tomada de consciência sobre como eles atuam.

A elevada aceleração dos processos talvez provoque as mudanças que hoje não se processam na consciência do homem. E, em tudo isso, como fica o homem ante o novo mundo que ele próprio organiza sem saber (FIORE, 1969). Confusões inumeráveis e um profundo sentimento de desespero emergem invariavelmente nos períodos de grandes transições tecnológicas e culturais. O nosso, é o tempo de romper barreiras, de suprimir velhas categorias, de fazer sondagens em todas as direções.

Para evitar o problema, é preciso que os funcionários possuam um perfil de adaptação a esses recursos, para que saibam operá-los de forma correta e assim promover o crescimento da organização. Mas o que fazer para adaptar os funcionários ao perfil exigido pelas atuais soluções tecnológicas implantadas pelas empresas?

A fragmentação das atividades, nosso hábito de pensar em pedaços e partes - a “especialização” - refletiram, passo a passo, o processo de departamentalização no trabalho. Estamos a caminho franco da desumanização.

A maioria dos Psicólogos é de opinião que a maior parte das pessoas se subestima e tem um conceito pobre de si mesma e é este conceito negativo sobre si mesmo, que restringe sua percepção, castra seus ideais e as impede de ver o que lhes foi destinado.

Na verdade, somos possuidores de uma enorme quantidade de atributos, capacidades, habilidades e talentos que jazem inativos no mais profundo do nosso ser.

Cresce continuamente a solidão nas grandes cidades, tornando-se motivo de sofrimento para muita gente. Do outro lado, os grandes valores eternos da humanidade: a beleza, a verdade, o amor...., estão sendo eliminados, oprimidos.

As pessoas que vivem nas grandes cidades são ensinadas desde crianças a desconfiar dos estranhos... como fica então o seu relacionamento pessoal?



O trabalho humano e a vida interior, quando realmente bem sucedidos, assumem um caráter trans-pessoal. Acima dos papéis sociais aprendidos, acima dos condicionamentos que moldaram o nosso comportamento, existe um encontro da essência dos seres.

De acordo com WEIL (1976), o estudo do fator humano nas organizações pode ser dividido em três partes principais:

- 1) Adaptação do Homem ao Trabalho:
- 2) Adaptação do Trabalho ao Homem:
- 3) Adaptação do Homem ao Homem:

O ambiente de trabalho deve ser capaz de criar uma confiança mútua e de respeito humano entre as pessoas. Sabe-se hoje que uma pessoa que faz uma coisa ciente da importância do seu trabalho e do seu respectivo valor, produz muito mais do que uma pessoa da qual se pede simplesmente obediência.

É importante ressaltar que a psicologia estuda o comportamento humano. Muito além de sua busca científica, ela também é a ciência que procura a prevenção e a intervenção social, através do esclarecimento dos aspectos psicológicos que envolvem as relações entre as pessoas e mais especificamente entre pais e filhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - AGOSTI, H. P. Condições Atuais do Humanismo. Rio de Janeiro, Paz e Terra S. A., 1970.
- 2 - DECCA, M. A. G. Indústria, Trabalho e Cotidiano. São Paulo, Atual Editora Ltda. 13ª ed. 1991.
- 3 - DI LASCIO, C. H. R. A Psicologia no Trabalho. Revista Contato – CRP 08, ano 23/ nº 113, p.11, Curitiba, 2001.
- 4 - DIMITRIUS, J. E. & MAZZARELLA, M. Decifrar Pessoas. São Paulo, Alegro, 17ª ed., 2000.
- 5 - FIORE, M. M .L. Q. O meio são as Massa-gens. Rio de Janeiro, Record, 1969
- 6 - LIEVORE, J. A. Marketing Pessoal. Londrina, Grafmark. 3º ed , 2000
- 7 - MC CULLOUGH, W. Ambiente do Trabalho. Rio de Janeiro, Fórum Editora Ltda, 1973
- 8 - MCLUHAN, M. Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo, Cultrix, 2000.
- 9 - MESQUITA, E. A Técnica, o homem e a vida social. São Paulo, Artes Gráficas.
- 10 - DELORS, Jacques. Educação- Um Tesouro a descobrir. Ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF:MEC:UNESCO,2004.